

PRÓLOGO

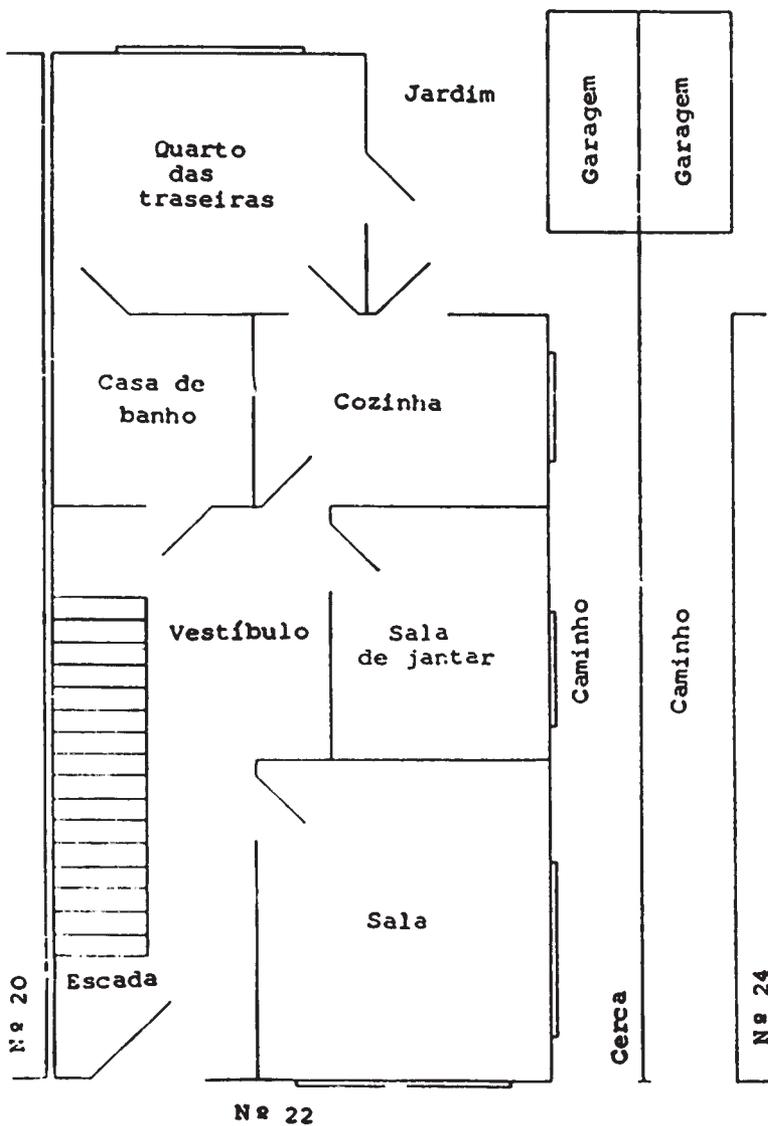
Dawlington Evening Herald
Janeiro de 1988

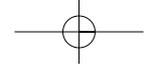
VINTE E CINCO ANOS DE PRISÃO POR ASSASSÍNIOS BRUTAIS

O tribunal de Winchester condenou ontem Olive Martin, de 23 anos, residente em Leven Road, 22, Dawlington, à pena de prisão perpétua pelos assassínios brutais de sua mãe e sua irmã, com a recomendação de que ela cumprisse um mínimo de vinte e cinco anos. O juiz, que se referiu a Martin como «um monstro sem um pingo de humanidade», disse que nada podia justificar a selvajaria por ela exercida sobre duas mulheres indefesas. O assassínio de uma mãe pela sua filha era o mais desnaturado dos crimes e exigia a maior pena que a lei podia impor. O assassínio de uma irmã por uma irmã não era menos hediondo. «A mutilação dos corpos», acrescentou o magistrado, «foi uma profanação imperdoável e bárbara, que ficará nos anais do crime como um acto de suprema crueldade.» Martin ouviu a sentença sem qualquer emoção...



*Planta do rés-do-chão de Leven Road, 22,
Dawlington, Southampton, tal como era à data
dos assassinios. Desenhada pela actual proprietária
para Miss Rosalind Leigh*





CAPÍTULO 1

Era impossível vê-la aproximar-se sem um estremecimento de repugnância. Tratava-se de uma paródia grotesca de uma mulher, tão gorda que os seus pés, as suas mãos e a sua cabeça emergiam absurdamente do enorme matacão do seu corpo como minúsculos acrescentos desproporcionados. O cabelo louro sujo colava-se, húmido e ralo, ao crânio, e sob as axilas alastravam manchas escuras de suor. Andar era-lhe claramente penoso. Arrastava-se apoiada na parte interna dos pés, com as pernas afastadas pela compressão, uma na outra, das gigantescas coxas, num equilíbrio precário. A cada movimento, por pequeno que fosse, o tecido do seu vestido esticava-se assustadoramente com a deslocação do peso da sua carne. Não parecia ter quaisquer traços compensadores. Até os seus olhos, de um azul intenso, se perdiam praticamente nos horrendos refegos de banha branca bexigosa.

Era estranho que, passado tanto tempo, continuasse a ser um objecto de curiosidade. Pessoas que a viam todos os dias observavam o seu avanço pelo corredor fora como se fosse a primeira vez. Que seria que as fascinava? O puro tamanho de uma mulher que tinha um metro e cinquenta e três de altura e pesava mais de cento e cinquenta quilos? A sua reputação? Asco? Nenhuma delas sorria. A maior parte observou impassivelmente enquanto ela passava, talvez temendo atrair a sua atenção. Ela tinha cortado a mãe e a irmã em bocadinhos e depois recompusera os corpos numa espécie de sanguinolento quadro abstracto no chão da cozinha. Poucos dos que a viam podiam esquecer isso. Em virtude da horrorosa natureza do crime e do medo que a sua descomunal e sorumbática figura instilara em quantos se encontravam no tribunal, tinha sido condenada a prisão perpétua, com a recomendação de que cumprisse um mínimo de vinte e cinco anos. O que a tornava invulgar, independentemente do crime em si, era o facto de se ter declarado culpada e recusado defender-se.



Na prisão era conhecida como a Escultora. O seu verdadeiro nome era Olive Martin.

Rosalind Leigh, que esperava à porta da sala de entrevistas, passou a língua pelo interior da boca. A sua repugnância foi imediata, como se a perversidade de Olive tivesse transbordado dela e lhe houvesse tocado. *Meu Deus*, pensou, e o pensamento alarmou-a, *não posso fazer isto*. Mas não tinha outro remédio, claro. As portas da prisão estavam fechadas sobre ela, como visitante, tão firmemente como sobre as reclusas. Comprimiu a mão trémula contra a coxa, cujos músculos estremeciam incontavelmente. Atrás dela, a pasta quase vazia, testemunho da sua falta de preparação para aquele encontro, escarnecia da sua pouco judiciosa presunção de que uma conversa com Olive Martin podia decorrer como qualquer outra. Nem por um instante lhe passara pela cabeça que o medo poderia travar-lhe o engenho.

Lizzie Borden pegou num machado e deu à mãe quarenta machadadas. Quando viu o que tinha feito, deu ao pai quarenta e uma. A quadra andava-lhe às voltas no cérebro, entorpecidamente repetitiva. Olive Martin pegou num machado e deu à mãe quarenta machadadas. Quando viu o que tinha feito, deu à irmã quarenta e uma...

Roz desviou-se da porta e forçou um sorriso.

— Como vai, Olive? Sou Rosalind Leigh. Prazer em conhecê-la, finalmente. — Estendeu a mão e apertou a da outra calorosamente, talvez na esperança de que, mostrando uma cordialidade sem preconceitos, poderia dominar a sua antipatia. O contacto de Olive foi apenas simbólico, um breve roçar de dedos indiferentes.

— Obrigada — acrescentou, dirigindo-se com desembaraço à guarda da prisão que se mantinha perto. — Agora eu trato do assunto. Temos autorização da directora para conversar durante uma hora. — *Lizzie Borden pegou num machado...* Diz-lhe que mudaste de ideias. *Olive Martin pegou num machado e deu à mãe quarenta machadadas...* Não sou capaz de fazer isto!

— Está bem. — A mulher fardada encolheu os ombros. Largou a cadeira de metal que transportava descuidadamente e susteve-a com o joelho. — Precisarás disto. Tudo quanto aí se encontra ficará desfeito se ela se lhe sentar em cima. Riu-se, bem disposta. Era uma mulher atraente. — O ano passado ficou entalada no diabo da retrete e foram precisos quatro homens para a tirar de lá. A senhora nunca conseguiria levantá-la sozinha.

Roz puxou desajeitadamente a cadeira pela entrada da porta. Sentia-se em desvantagem, como uma amiga de sócios zangados pressionada para

tomar partido. *Mas Olive intimidava-a de uma maneira que a guarda prisional nunca conseguiria igualar.*

— Ver-me-á utilizar um gravador durante esta entrevista — disse bruscamente, com o nervosismo a endurecer-lhe as palavras. — A directora concordou. Espero que isso esteja de conformidade.

Seguiu-se um curto silêncio. A guarda arqueou uma sobrancelha.

— Se a senhora o diz. Presumo que alguém se tenha dado ao trabalho de obter a concordância da Escultora.

— Se houver algum problema, como, por exemplo, ela opor-se violentamente — passou um dedo pela garganta antes de dar uma pancadinha no vidro ao lado da porta, que permitia às guardas ver o que se passava na sala —, bata na janela. Partindo do princípio que ela lhe permite, claro. — Sorriu friamente. — Espero que tenha lido as normas. Não traz nada para ela, não leva nada dela lá para fora. Ela pode fumar os seus cigarros na sala, mas não pode guardar nenhum. A senhora não passa mensagens, nem cá para dentro nem lá para fora, sem autorização da directora. Se tiver dúvidas a respeito de alguma coisa, consulta uma das guardas. Entendeu?

Cabra, pensou Roz furiosamente.

— Entendi, obrigada. — Mas não era fúria que ela sentia, claro, era medo. Medo de ficar fechada num espaço restrito com aquela criatura monstruosa que fedia a suor de mulher gorda e não mostrava nenhuma emoção no rosto grotescamente túmido.

— Ótimo. — A guarda afastou-se, com uma grande piscadela de olho a uma colega.

Roz seguiu-a com o olhar.

— Entre, Olive. — Escolheu propositadamente a cadeira mais distante da porta. Era uma afirmação de confiança. Estava de tal maneira nervosa que precisava de fazer chichi.

A ideia do livro tinha sido apresentada como um ultimato pela sua agente.

— O teu editor está prestes a mandar-te passear, Roz. As suas palavras exactas foram: «Ela tem uma semana para se dedicar a qualquer coisa que venda, caso contrário risco-a das nossas listas.» E, embora me custe revolver a faca na ferida, eu estou a um fiozinho de fazer o mesmo. — O rosto de Iris adoçou-se um pouco. Na sua opinião, ralhar com Roz era como bater com a cabeça numa parede de tijolo: doloroso e completamente ineficaz. Era, sabia, a melhor amiga da criatura — a sua *única* amiga, parecia-lhe por vezes. A barreira de arame farpado que Roz er-